

DE DESLUGARIZADA À ENDIABRADA: DISCURSOS PESSOAIS, POLÍTICOS E POÉTICOS ACERCA DA PRETA-BIXISSE

André Luiz Bezerra Tavares¹

Anita Loureiro de Oliveira²

Resumo. O texto revela que a deslugarização das bixas-pretas, em posição de não compartilhar do imaginário masculino negro associada à figura do “negão”: bruto e másculo, nem do gay higienizado, branco burguês, promoveu, a partir de discursos hegemônicos e higiênicos da sociedade, a criação do diabo em forma de gente: as bixas pretas que resistem ao aniquilamento, até mesmo espiritual. Reveladores dessa resistência, se enquadram no conceito de sujeito corporificado. A política de desumanização da humanidade foi o pilar principal para que o diabo ganhasse forma negra e fosse representado por dissidentes sexuais e de gênero. A reivindicação da figura do diabo pelas bixas-pretas diante de uma socioespacialidade infernal pode ser reconhecida analiticamente a partir de suas produções artísticas, que aparecem enquanto discursos pessoais, políticos e poéticos.

Palavras-chave: Corporeidade; Bixas-pretas; Desumanização; Corpo negro; espacialidade.

FROM DISPLACEMENT TO DEMONIC: PERSONAL, POLITICAL AND POETICS DISCOURSES ABOUT PRETA-BIXISSE

Abstract. The text reveals that the displacement of bixas-pretas, in a position not to share the black male imagery, associated with the figure of the “negão”, brute and masculine, nor of the hygienized, white bourgeois gay, promoted, based on hegemonic and hygienic discourses of the society, the creation of the devil in shaped of person: the bixas-pretas that resist annihilation, even spiritual. Revealing this resistance, they fit the concept of

¹Licenciado em Geografia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Pós-graduando do Programa de Pós-Graduação em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (Campus Nilópolis), andreluizbt2@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0003-0674-998X>

²Docente do Departamento de Geografia do Instituto Multidisciplinar (IM) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRRJ. Bolsista MEC Tutora do Programa de Educação Tutorial (PET) do curso de Geografia/IM-UFRRJ anitaloureiro@ufrrj.br <https://orcid.org/0000-0003-2745-7847>

TAVARES & OLIVEIRA, *De deslugarizada à endiabrada: discursos pessoais, políticos e poéticos acerca da preta-bixisse*

Doi: 10.51308/continentes.v1i21.349

the embodied subject. Humanity's dehumanization policy was the main pillar for the devil to take on a black form and be represented by sexual and gender dissidents. The claim of the figure of the devil by the bixas-pretas in the face of an infernal socio-spatiality, can be recognized from their artistic productions, which appear as personal, political and poetic discourses.

Keywords: Corporeality; Bixas-pretas; Dehumanization; Black body; spatiality.

DE DESPLAZADA A DEMONÍACA: DIRCURSOS PERSONALES, POLÍTICOS Y POÉTICOS SOBRE LA PRETA-BIXISSE

Resumen. El texto revela que el desplazamiento de bixas-pretas, en una posición de no compartir la imaginación masculina negra, asociada a la figura del "hombre negro", bruto y masculino, ni del higienizado, blanco burgués gay, promovió, basado en los discursos hegemónicos y higiénicos de la sociedad, la creación del diablo en forma de persona: las bixas-pretas que resisten a la aniquilación, incluso espiritual. Revelando esta resistencia, se ajustan al concepto de sujeto encarnado. La política de deshumanización de la humanidad fue el pilar principal para que el diablo tomara una forma negra y fuera representado por disidentes sexuales y de género. La reivindicación de la figura del diablo por parte de las bixas-pretas frente a una socioespacialidad infernal, se puede reconocer a partir de sus producciones artísticas, que aparecen como discursos personales, políticos y poéticos.

Palabras clave: Corporalidad; bixas-pretas; deshumanización; cuerpo negro; espacialidad.

Tinha sete anos apenas,
apenas sete anos,
Que sete anos!
Não chegava nem a cinco!
De repente umas vozes na rua
me gritaram Negra!
Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra!
“Por acaso sou negra?” – me disse
SIM!
“Que coisa é ser negra?”
Negra!
E eu não sabia a triste verdade que aquilo escondia.

TAVARES & OLIVEIRA, *De deslugarizada à endiabrada: discursos pessoais, políticos e poéticos acerca da preta-bixisse*

Negra!
E me senti negra,
Negra!
Como eles diziam
Negra!
E retrocedi
Negra!
Como eles queriam
Negra!
E odiei meus cabelos e meus lábios grossos
e mirei apenas minha carne tostada
E retrocedi
Negra!
E retrocedi . . .
Negra! Negra! Negra! Negra!
E passava o tempo,
e sempre amargurada
Continuava levando nas minhas costas
minha pesada carga
E como pesava!...
Alisei o cabelo,
Passei pó na cara,
e entre minhas entranhas sempre ressoava a mesma palavra
Negra! Negra! Negra! Negra!
Até que um dia que retrocedia, retrocedia e que ia cair
Negra! Negra! Negra! Negra!
E daí?
Negra!
Sim
Negra!
Sou
De hoje em diante não quero
alisar meu cabelo
Não quero
E vou rir daqueles,
que por evitar – segundo eles –
que por evitar-nos algum disabor
Chamam aos negros de gente de cor
E de que cor!
NEGRA
E como soa lindo!
NEGRO
E que ritmo tem!
Negro Negro Negro Negro
Afinal compreendi
Já não retrocedo
E avanço segura
Avanço e espero
E bendigo aos céus porque quis Deus
que negro azeviche fosse minha cor

TAVARES & OLIVEIRA, *De deslugarizada à endiabrada: discursos pessoais,
políticos e poéticos acerca da preta-bixisse*

E já compreendi
AFINAL
Já tenho a chave!
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
Negra sou!

-Victoria Santa Cruz³

INTRODUÇÃO

A perspectiva existencial geográfica, ligada às esferas do corpo e do cotidiano, promove o reconhecimento das geografias corporificadas⁴ (OLIVEIRA, 2019), que por sua vez, estão conectadas às interpretações intersubjetivas espaciais. Esta leitura corporificada do espaço pressupõe a cuidadosa escuta das falas fragmentadas e uma atenção sensível aos gestos, principalmente por estes serem fundamentados nas ações dos/as sujeitos/as.

Para compreensão do cotidiano, Milton Santos se baseia em três dimensões, e é a partir da relação dessas três dimensões que define a cidadania, sendo elas a “corporeidade”, “individualidade” e “socialidade” (SANTOS, 1996). Estas constituem a base da reflexão socioespacial que esta pesquisa aborda.

A corporeidade está ligada à “dimensão objetiva que dá conta da forma com que eu me apresento e me vejo, que dá conta também das minhas virtualidades de educação, de riqueza, da minha capacidade de mobilidade, da minha localidade, da minha lugaridade” (SANTOS, 1996, p.10). A individualidade, por sua vez, associada à perspectiva subjetiva, está intrinsecamente conectada à socialidade, que diz respeito às nossas relações sociais:

há dimensões que não são objetivas, mas subjetivas; aquelas que têm a ver com a individualidade e que conduzem a considerar os graus diversos de consciência dos homens: consciência do mundo, consciência do lugar,

³ Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=RljSb7AyPc0> >. Acesso realizado em 07 de abril de 2021. Victoria Santa Cruz foi poeta, coreógrafa e estilista afro peruana.

⁴ Este artigo é um desdobramento analítico da pesquisa monográfica elaborada pelo primeiro autor do texto, com a orientação da coautora e que se constitui como um movimento mais amplo de estudos realizados no Grupo de Pesquisa em Geografia, Cultura, Existência e Cotidiano, a COLETIVA.

TAVARES & OLIVEIRA, *De deslugarizada à endiabrada: discursos pessoais, políticos e poéticos acerca da preta-bixisse*

Doi: 10.51308/continentes.v1i21.349

consciência de si, consciência do outro, consciência de nós. Todas estas formas de consciência têm que ver com a individualidade e lhe constituem gamas diferentes, tendo também que ver com a transindividualidade, isto é, com as relações entre indivíduos; relações que são uma parte das condições de produção da socialidade, isto é, do fenômeno de estar junto. Esse fenômeno de estar junto inclui o espaço e é incluído pelo espaço. (SANTOS, 1996, p.10)

A noção de “como eu me apresento e me vejo”, além da percepção “consciente de mim”, são formadas a partir da sociabilidade “que tenho com outras pessoas”. É a partir desta análise que se constrói o sentido de deslocamento das bixas-pretas, levando em conta as atrofias que o processo de colonização imputou a pessoas negras e dissidentes sexuais e de gênero, nas dimensões de “como me apresento e me vejo” e da “consciência de mim”, principalmente porque

[p]ovos brancos, graças a uma conjunção de fatores históricos e naturais que não vem ao caso examinar aqui, vieram a imperar no planeta e, em consequência, impuseram àqueles que dominam uma concepção do mundo feita à sua imagem e semelhança. Num país como o Brasil, colonizado por europeus, os valores mais prestigiados e, portanto, aceitos, são os do colonizador. Entre estes valores está o da brancura como símbolo do excelso, do sublime, do belo. Deus é concebido em branco e em branco são pensadas todas as perfeições. Na cor negra, ao contrário, está investida uma carga milenária de significados pejorativos. Em termos negros pensam-se todas as imperfeições. Se se reduzisse a axiologia do mundo ocidental a uma escala cromática, a cor negra representaria o polo negativo. São infinitas as sugestões, nas mais sutis modalidades, que trabalham a consciência e a inconsciência do homem, desde a infância, no sentido de considerar, negativamente, a cor negra. O demônio, os espíritos maus, os entes humanos ou super-humanos, quando perversos, as criaturas e os bichos inferiores e malignos são, ordinariamente, representados em preto. [...]. (RAMOS, A., 1995, p.241-242. Apud. GUIMARÃES; 2018, p, 107)

Partindo da inflexão da ausência de lugar, até o processo de desumanização das bixas-pretas, que se faz o trajeto desta pesquisa. É percebendo que as bixas-pretas ressignificaram “desde dentro” (GUIMARÃES, 2015) o sentido de desumanização, que reconhecemos suas construções artísticas como discursos políticos, pessoais e poéticos de resistência ao processo de desumanização que nos foi imposto, antes mesmo de estarmos vivas.

COR-PO DEUS-UMANO

TAVARES & OLIVEIRA, *De deslocada à endiabrada: discursos pessoais, políticos e poéticos acerca da preta-bixisse*

Doi: 10.51308/continentes.v1i21.349

Um corpo humano. Que antes de corpo é cor. Que depois de ser cor já não é mais corpo humano, porque foi desumanizado. A poesia que está na epígrafe, de autoria de Victoria Santa Cruz, nos provoca reflexões várias acerca do ser negro no mundo. Dois pontos importantes para este trabalho estão contidos nela. O primeiro, trata do *apontamento da existência*. Já o segundo, *a negação/rejeição do ser-corpo*, surge de dois processos: o de desumanização da humanidade⁵ e o da experiência negra no mundo colonizado, que se retroalimentam em um movimento cíclico de início e fim em si mesmos. Sequelas do processo de colonização que acabaram promovendo em corpos negros a dificuldade de elaboração do seu próprio esquema corporal.

Depois tivemos de enfrentar o olhar branco. Um peso inusitado nos oprimiu. O mundo verdadeiro invadia o nosso pedaço. No mundo branco, o homem de cor enfrenta dificuldades na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa. Em torno do corpo reina uma atmosfera densa de incertezas. [...] é mais uma estruturação definitiva do eu e do mundo – definitiva pois entre meu corpo e o mundo se estabelece uma dialética efetiva. (FANON, 2008, p. 104)

Acerca deste ponto, Grada Kilomba (2019a) em diálogo com Franz Fanon, revela que na verdade não se trata de um “esquema corporal”, sim de um “esquema racial”:

Não é um “esquema corporal”. Trata-se, na verdade, de um “esquema racial” inscrito na pele e que nos guia através do espaço. Memórias, lendas, piadas, comentários, histórias, mitos, experiências, insultos, tudo isso inscrito simbolicamente na superfície das nossas peles, nos dizendo onde sentar e onde não, aonde ir e aonde não, com quem falar e com quem não falar. (KILOMBA, 2019a, p.174).

A desumanização do/a negro/a durante o processo colonial retirou de nós uma série de possibilidades existenciais, além desse fator ser um dos responsáveis pelo genocídio negro em curso no Brasil há mais de quinhentos anos. Trata-se de

homens e mulheres originários da África [que] foram transformados em homens-objeto, homens-mercadoria e homens-moeda. Aprisionados no calabouço das aparências, passaram a pertencer a outros, hostilmente predispostos contra eles, deixando assim de ter nome ou língua própria (MBEMBE, 2018; p. 13-14).

⁵ De pessoas negras e dissidentes sexuais e de gênero.

O corpo negro, portanto, não foi concebido como humanidade integral, e é visto de forma hifenizada, não-humana, levando em consideração que:

sujeitos hifenizados são constituídos por meio de acontecimentos históricos e sociais que impõem a migração a alguns indivíduos ou grupos trazendo-lhes duplas nacionalidades, junções culturais de espaços e territorialidades diferentes, também por questões comportamentais ou funções sociais estabelecidas pelas normatividades. No primeiro caso, a diáspora africana pode ser um exemplo porque representa uma ruptura violenta imposta e não natural no percurso histórico de nações africanas e nas vidas de africanos(as), que abruptamente foram escravizados(as) por povos europeus e embarcados(as) de forma desumana em navios para as viagens Sul Atlânticas rumo à América (GUIMARÃES, 2015, p. 30)

Neste contexto, de fato, “[v]er o(a) negro(a) como uma coisa demanda a **invisibilidade da perspectiva negra**’ (GORDON, 1997, p.63. Apud. STREVA, 2018, p. 99). Assim, o corpo negro é confrontado com a situação da sua ausência” (STREVA, 2018, p. 99. Grifos nossos). As concepções assimétricas, interdições, rupturas, quebras e construções do/no (ser) corpo negro durante o processo histórico, promoveu neste corpo uma maleabilidade que transcende o que conseguimos conceber enquanto objetividade. O corpo negro

é entendido como fenômeno que transcende dualidades, por isso mesmo plástico, dinâmico, autopoético, resiliente, adaptável e atravessado pelas mais distintas formas de ‘dobras’ e ‘quebras’ localizadas na pós-travessia atlântica. Corpo que é, sobretudo, plural, síntese dos corpos que foram aprisionados, embarcados e trazidos para a voraz máquina econômica do antigo sistema colonial. Corpo-síntese dos corpos mercadorias que, por séculos, foram banalizados, percebidos e visualizados como ausentes de alma pelos raptos, detratores e algozes coloniais. (TAVARES, 2018, p. 20).

Entende-se que o processo colonial se reverbera na colonialidade, e compromete ainda hoje uma série de compreensões da nossa relação enquanto ser; nos atrofia cognitivamente; influencia na nossa relação com a natureza; nos impõe uma reprodução econômica, política, filosófica, existencial, cultural e ontológica. Os destroços desse processo são muitos, e outros muitos permanecem soterrados e até mesmo inexplorados.

TAVARES & OLIVEIRA, *De deslugarizada à endiabrada: discursos pessoais, políticos e poéticos acerca da preta-bixisse*

De acordo com Bernadino-Costa, a partir das interpretações dos escritos de Franz Fanon:

uma das principais, senão a principal, características de uma sociedade (pós)colonial é o racismo, entendido como um sistema hierárquico que divide a humanidade em superiores e inferiores mediante um sistema de marcas, de acordo com a histórica específica de cada país ou região. Esta linha divisória entre superiores e inferiores tem uma profunda repercussão sobre o que entendemos como humano e, conseqüentemente, sobre o discurso político sobre o humano: o humanismo. (BERNADINO-COSTA, 2016, p. 507)

O racismo, enquanto principal característica da sociedade pós-colonial, nos coloca uma questão que vai de encontro com o discurso político sobre o humano. Para tanto, é necessário traçar um paralelo metafórico da concepção fanoniana da 'zona do não-ser' sintetizada por Bernadino-Costa, com a deslugarização das bixas-pretas. Franz Fanon, em seu livro "Pele negra, máscaras brancas" (FANON, 2008) desenvolve o argumento de epidermização do racismo, que Bernadino-Costa sintetiza:

ao se deparar com o racismo, o negro introjeta um complexo de inferioridade e inicia um processo de auto-ilusão, buscando falar, pensar e agir como branco, até o dia em que se depara novamente com o olhar fixador do branco. Neste momento, as máscaras brancas caem: "onde quer que vá, o preto permanece um preto". (BERNADINO-COSTA, 2016, p.506)

Em sua análise, Bernadino-Costa afirma que Franz Fanon "argumenta que os sujeitos coloniais, em geral os negros, em particular, habitam a zona do não-ser, e por isso, são invisibilizados pelo olhar imperial (BERNADINO-COSTA, 2016; p. 504). Esta zona é

uma região extraordinariamente estéril e árida, habitada pelo negro. O olhar imperial do branco o fixou nesta zona. Em virtude deste olhar fixador, 'mesmo me expondo ao ressentimento de meus irmãos de cor', Fanon afirma, 'o negro não é um homem' (Fanon, 2008, p. 26), portanto, não é um ser. (BERNADINO-COSTA, 2016; p.507).

É justamente pela heterogeneidade que existe na zona do não-ser (BERNADINO-COSTA, 2016), que podemos traçar o paralelo no que se refere às dissemelhanças socioespaciais dos/as habitantes dessa zona, principalmente por conta da multiplicidade existencial humana, que conflui em um corpo diversas realidades possíveis do existir, levando em consideração as intersecções de gênero, idade, religião, saúde, sexualidade, classe, raça,

TAVARES & OLIVEIRA, *De deslugarizada à endiabrada: discursos pessoais, políticos e poéticos acerca da preta-bixisse*

Doi: 10.51308/continentes.v1i21.349

entre outras características, que nos colocam em posições assimétricas nas relações de poder.

Surge, então, no interior da zona do não-ser, a gênese da deslugarização da bixa-preta, principalmente porque “a negritude, talvez, por um milagre, quem sabe, pudesse acabar com a bicha, já que a negritude se constitui por meio da normalização do negro heterossexual” (LIMA E CERQUEIRA, 2007. apud. OLIVEIRA, 2018; p. 139). Por não estarmos inseridas no padrão da cisheteronormatividade negra e não carregar o peso que é exigido desta corporeidade pela lógica racista da sociedade - que desumaniza homens negros e exige uma performance violenta, bruta, viril, insensível; e não estarmos no padrão da homossexualidade a partir da branquitude, contidas, reservadas, com *aqué* e pacatas, é que estamos mergulhadas nas profundezas da deslugarização: “no meio do fogo cruzado entre cis heterossexuais e gays higienizados, a bicha se contorce para afirmar uma existência que não é nem uma coisa, nem outra” (OLIVEIRA, 2018; p. 138).

É justamente se contorcendo no meio do fogo cruzado entre a heteronormatividade negra e a higienização homossexual branca burguesa, que a bixa aparece. A bixa-preta com X, hifenizada e infernizada, que demarca no próprio nome o movimento transversal de transgressão que faz no jogo centro-periferia, rasgando-o (OLIVEIRA, 2018; p.141). O aparecimento da bixa, mesmo quando deslugarizada na tentativa de seu apagamento, representa o conceito de sujeito corporificado porque

O sujeito corporificado “ao desafiar controles da experiência urbana e a burocratização da existência, alcança o direito à definição de sua forma de aparecer e acontecer” (RIBEIRO, 2011, p. 32). E a autora ressalta que **“esse sujeito transforma-se em acontecimento, onde e quando são esperados seu silêncio e o apagamento de sua individualidade”** (RIBEIRO, 2011, p. 32). O sujeito corporificado, revelador de uma geografia das existências (SILVA, CAMPOS e MODESTO, 2014) atenta à escala do cotidiano e do corpo, permite a compreensão sensível das circunstâncias da ação humana. Essa leitura pressupõe “a observação de contextos e a cuidadosa escuta das falas fragmentadas que substituem, para o homem lento [SANTOS, 1997], os grandes discursos daqueles que penetram com facilidade o espaço público” (RIBEIRO, 2005, p.99). **É, assim, uma geografia dos gestos, corporificada.** (OLIVEIRA; 2019, p. 44. Grifos nossos).

TAVARES & OLIVEIRA, *De deslugarizada à endiabrada: discursos pessoais, políticos e poéticos acerca da preta-bixisse*

Doi: 10.51308/continentes.v1i21.349

Esta geografia corporificada, atenta às corporeidades e aos discursos, auxilia-nos a pensar que “a interpretação do mundo depende de uma experiência corporal que varia com o espaço e o tempo, bem como as condições de vida e a cultura” (OLIVEIRA, 2019; p. 56), além disso “o corpo é visto pelo outro, vê o outro e permite-nos imaginar como o outro nos vê. Esta terceira dimensão é fundamental para o desenvolvimento dos nossos papéis sociais e do nosso posicionamento em cada situação.” (BERNARDINO-COSTA, 2016; p. 506-507). A interpretação de “como o outro nos vê” está intimamente relacionada ao reconhecimento de corpo-espacialidades plurais, que estão inseridas em um sistema de humanização-desumanização, a partir da autenticação da corporeidade. É, portanto, precisamente, a dialética hegeliana interpretada por Franz Fanon, quando reconhece que “a corporeidade só é humanizada quando reconhecida pelo outro” (STREVA; 2020, p.97).

A bixa e o diabo nascem do discurso.

O apontamento da existência e a negação/rejeição do ser-corpo, estão no bojo formativo da existência preta e bixa. O reconhecimento de si e do próprio corpo a partir de terceiros (FANON, 2008; p.104), sendo bixa e preta, e estando em uma sociedade fundamentalmente racista e patriarcal, nos desloca do processo de deslugarização à desumanização a partir de discursos e práticas. Olhares, falas, desenhos, imagens. Gritos e sons, que se configuram na nossa cabeça quase que de forma onomatopeica provocam a sensação de não termos lugar até mesmo no próprio corpo, de que este corpo, para o outro que nos reconhece, não é nem corpo, nem somente cor, mas um alvo, que a alva derme insiste em demonizar.

A afirmação de Megg Rayara Gomes de Oliveira que está como título dessa seção do artigo, que “a bicha nasce do discurso” (OLIVEIRA, 2017, p.98), é também consubstanciada a partir da vigilância corpórea, porque ora, os gestos deste corpo o

colocam num escopo de quase morto. De quase gente. O diabo também nasce do discurso, principalmente porque

A cor preta, entre os cristãos, passou a ser interpretada como uma representação do mal e a pele preta do Diabo “contrastava com a beleza branca dos anjos. O preto representa o mal e a poluição. Satã sentado em seu trono no Inferno é sempre preto” (COSTA; ANDRADE, 2012, p. 153) [...] O Diabo também foi associado à homossexualidade, sendo seus agentes os homossexuais, os gays afeminados, os viados e as bichas condenados ao fogo do inferno. (OLIVEIRA, 2017, p.15).

A condenação ao fogo do inferno é apenas uma representação póstuma do que os/as condenados/as a ele vivenciam em vida. Partindo da percepção de vivência das bixas-pretas, podemos utilizar a trajetória de vida como uma ferramenta metodológica, para compreender as narrativas de bixas-pretas

Levando em consideração que nas narrativas, como nas memórias, o passado se reconstrói discursivamente de maneira não linear, com superposições de tempo, reflexões e espontaneidade, o que retorna não é o passado em si, mas a (re)leitura das imagens e experiências armazenadas na memória estimuladas em um determinado presente e sob certas circunstâncias. Em outras palavras, não é o passado linear que se reconstitui na narrativa, e sim tudo aquilo que foi privilegiado na experiência que marcou nossos corpos e auxilia na forma como nos colocamos no mundo hoje. (CAETANO, 2016, p. 34-35. apud. OLIVEIRA, 2017, p. 37).

Admitir que o conhecimento parte de um sujeito geograficamente localizado, estrutura o caráter dialógico da pesquisa e possibilita caminhos para uma análise espacial complexa do cotidiano, uma vez que permite “compreender as narrativas como resultado de práticas cotidianas as quais, por sua vez, podem ser vistas como históricas e denunciam as regras que as governaram e as produziram” (CAETANO, 2016, p. 33. Apud. OLIVEIRA, 2017, p. 36).

Durante uma das entrevistas para o trabalho monográfico intitulado “O capeta da favela: confrontos e corpografias de resistência das bixas pretas na região metropolitana do Rio de Janeiro” (TAVARES, 2020), uma das bixas-pretas entrevistadas disse o seguinte:

TAVARES & OLIVEIRA, *De deslugarizada à endiabrada: discursos pessoais, políticos e poéticos acerca da preta-bixisse*

Doi: 10.51308/continentes.v1i21.349

Eu lembro da descrição que os evangélicos, principalmente, trazem da bíblia, né? Eles trazem de que a gente vai pro inferno; que Deus rejeita essas coisas todas. Vão colocando dentro da gente dizendo que a gente vai pro inferno. Eu lembro que teve uma hora que eu não aguentava mais tentar lutar contra mim mesmo pra não ir pra esse inferno e teve uma hora que eu falei assim, caralho, eu quero ir pro inferno, que eu não aguento mais, entendeu? Esse céu não serve pra mim, eu não vou conseguir viver nesse céu, entendeu? Então, foda-se, eu vou ser o que eu sou e vou pro inferno, porque não tem jeito, porque você cansa de você. Lutar contra si mesmo é uma guerra perdida. [Entrevista realizada pelo autor dia 17 de agosto de 2020] (TAVARES, 2020, p. 15)

Esta fala representa o momento que ele cansa de lutar contra a norma imposta ao seu corpo e desejo, e passa então a se aceitar e se criar enquanto bixa para além dos limites que colocaram a ele. É a partir daí que a afirmação de que a dialética da preta-bixisse se encontra no inferno ganha forma, justamente porque à medida que a bixa enrustida contraria o inferno imposto às sexualidades e gêneros dissidentes, se associa ao próprio inferno em vida, porque “lutar contra si mesmo é uma guerra perdida”, e por assim dizer, um inferno.

Se o inferno já está posto como fim definido, é a partir dele, então, que se reivindica a aceitação e o respeito à existência. O inferno é, portanto, um lugar de movimento. Não fomos nós, bixas-pretas, que nos colocamos neste lugar infernal. Apontaram-nos a vida inteira que a figura do diabo está de frente para nós quando nos olhamos no espelho. A socioespacialidade do inferno é tão heterogênea quanto a zona do não-ser. Franz Fanon alega que “Quando me amam, dizem que o fazem apesar da minha cor. Quando me detestam, acrescentam que não é pela minha cor. Aqui ou ali, sou prisioneiro do círculo infernal” (FANON, 2008, p. 109).

Outro relato vindo de uma bixa-preta, retirado do artigo “Bichas pretas: pegações, afetos e sociabilidade nas periferias do Rio de Janeiro e Porto Velho” (PEREIRA, *et al.*, 2020), revela: “Ser gay afeminada em Porto Velho é um desafio. É estar todo dia com o tridente do capeta posto no seu pescoço. Ser gay/bicha, aqui ou em qualquer lugar do nosso país, ainda é estar o tempo todo em um não lugar.” (PEREIRA, *et al.*; 2020, p. 10).

TAVARES & OLIVEIRA, *De deslugarizada à endiabrada: discursos pessoais, políticos e poéticos acerca da preta-bixisse*

Aonde mais esta bixa poderia se encontrar com o tridente do capeta posto no pescoço senão no inferno?

O inferno faz parte da vida e do discurso sobre pessoas negras, principalmente dissidentes normativos de gêneros e sexualidades, por efeito da incapacidade de reconhecerem nossos corpos enquanto humanos. Animalizam-nos por não conseguirem autenticar nossa corporeidade e julgarem que não podemos fazer parte do centro interpretativo de existências possíveis. Chamar-nos de diabo, capeta, coisa ruim, é resultado de um processo maior de desumanização da humanidade, que segundo Grada Kilomba (2019b), é um dos pilares principais para o processo de colonização.

A análise da construção imaginária da “bicha” é uma maneira de detectar a animalização que fazem destes corpos porque

A bicha emerge no discurso de Whitaker como pederasta passivo. A bicha de Whitaker não era fixa, não era homogênea e estava longe da imagem ainda corrente que tenta depreciá-la. Bicha sucesso, explica Whitaker, era o pederasta passivo que levava uma boa vida e bicha bacana era o pederasta passivo com uma boa conta bancária (GREEN, 2000). Pederasta passivo foi traduzido por Green (2003) como um homem afeminado. O passivo é feminino, logo a bicha também o é. A feminilização é imediata, colocada como critério para embichalhar alguém. (OLIVEIRA, 2017, p.103) (grifos nossos)

Reconhecendo a formação da “bicha” no imaginário social como pederasta passivo, percebemos que esta imagem se pulverizou de forma discursiva em diferentes áreas. Em um estudo que busca reconhecer a presença de línguas africanas no português brasileiro, Yeda Pessoa de Castro revela a herança do xibungo, palavra que está no léxico popular brasileiro, que representa o pederasta passivo, portanto, a “bicha”:

Podemos talvez trazer, como exemplo, **o caso do termo xibungo, pederasta passivo (N1 > N4), e de quibungo (N2, N3), uma espécie de lobo fantástico, com enorme buraco nas costas por onde costuma comer criança que encontre acordada durante suas incursões noturnas pela região do Recôncavo baiano, espécie de bicho-papão ou cuca dos acalantos infantis.** Xibungo e quibungo provêm do étimo banto "mbungu", **a hiena, o cão selvagem,** com prefixo nominal classe 7, dialetalmente (ki-) ou (shi-), **e tanto um termo quanto o outro denominam um animal com as mesmas características** e propósitos do quibungo baiano, muito embora deva ser

TAVARES & OLIVEIRA, *De deslugarizada à endiabrada: discursos pessoais, políticos e poéticos acerca da preta-bixisse*

Doi: 10.51308/continentes.v1i21.349

acrescentado que o prefixo (shi-) pode dar uma idéia **pejorativa ou aumentativa ao sentido da palavra**. (DE CASTRO, 1983, p. 95. Grifos nossos)

A questão aqui é que foi a partir das animalizações, patologizações e demonizações que as bixas-pretas foram ao inferno e voltaram, deram a volta por baixo e reivindicam ser o diabo em forma de gente, mas assim como quem inventou o diabo que aguenta, as bixas têm mostrado a partir de seus discursos políticos, pessoais e poéticos, que não só aguentaram o peso do inferno nas costas, como estão também transformando em arte, além de uma nova forma interpretativa do diabo. É por se tratar de “um corpo sem juízo, que não quer saber do paraíso, pois sabe que mudar o destino é o seu compromisso” (JUP DO BAIRRO, 2019), que o inferno e a figura do diabo não seriam piores que as tentativas de interdição à nossa existência.

As produções artísticas das bixas-pretas se encontram entrecruzadas como discursos pessoais, políticos e poéticos (KILOMBA, 2019a), porque

Quando produzimos conhecimento, argumenta bell hooks, nossos discursos incorporam não apenas palavras de luta, mas também de dor – a dor da opressão. E ao ouvir nossos discursos, pode-se também ouvir a dor e a emoção contidas em sua precariedade: a precariedade, ela argumenta, de ainda sermos excluídas/os de lugares aos quais acabamos de “chegar”, mas dificilmente podemos “ficar”. (KILOMBA, 2019a, p.59)

É no sentido de reconhecer a precariedade existencial da exclusão e ressignificá-la a partir da arte, que as bixas-pretas incorporam nos seus discursos políticos, pessoais e poéticos a redefinição da existência que lhe foi apontada. Se a sociedade nos aponta enquanto o diabo em forma de gente, assumamos então o protagonismo de definir o que é o diabo para nós. Esta redefinição do ser, trata-se da perspectiva “desde dentro”:

Na abordagem “desde dentro”, modifica-se toda a gama de negatividade imposta ao negro, elimina-o de ser representado exclusivamente enquanto objeto, inclui-o num protagonismo enquanto “sujeito autêntico, Autenticidade é a palavra que, por fim, deve ser escrita” (RAMOS, 1994, p.248 Apud GUIMARÃES, 2015, p.22)

TAVARES & OLIVEIRA, *De deslugarizada à endiabrada: discursos pessoais, políticos e poéticos acerca da preta-bixisse*

Doi: 10.51308/continentes.v1i21.349

A autenticidade que Urias (2019) revela na música “diaba”, provoca um rasgo no imaginário de quem a aprisionou na figura do diabo. A diaba reconhece a opressão política-jurídica-cultural que lhe foi imposta (antes mesmo da sua existência) e assume estar pronta para brigar para ser aceita, afinal, a visão negativa que existe da figura do diabo está no imaginário de quem o criou. Quem se tornou, compreende esta existência de uma outra forma:

Muito prazer
Eu sou o oitavo pecado capital
Tente entender
Eu sempre fui vista por muitos como o mal
Não consegue ver
Que da sua família eu sou pilar principal?
Possuo você, possuir você
Sua lei me tornou ilegal
Me chamaram de suja, louca e sem moral
Vão ter que me engolir por bem ou por mal
Agora que eu atingi escala mundial
Navalha debaixo da língua (Trrá, trrá)
Tô pronta pra briga
Navalha debaixo da língua
Diaba.
(URIAS, 2019)

A aceitação da persona endiabrada se torna a humanização a partir da desumanização. Assumir ser o diabo, o bicho-papão ou o cão é um fundamento da ação de ser ouvida, vista, percebida, ser reconhecida e notada. É fazer barulho para que nos tirem dos entulhos que comprimem nossa existência e comprometem a percepção de quem somos ou podemos ser, mesmo que se esforcem para nos entender, como revela Monna Brutal (2018a).

Eles não entendem o que eu falo
Dialeto vem do barro
Dispensando o sotaque chic
Eles são bombinha de Natal
Eu sou sobrenatural
Explodindo igual dinamite
Tudo bem, estou aqui!
E se eu to no MIC vai ter que engolir! Toda minha fúria da labuta
Monna terrorista bruta, que vem na missão de destruir

TAVARES & OLIVEIRA, *De deslugarizada à endiabrada: discursos pessoais, políticos e poéticos acerca da preta-bixisse*

Doi: 10.51308/continentes.v1i21.349

[...]

Minha caneta, ta tipo uma escopeta, jão! Sou o capeta na treta, afiliada do cão
Seu rap canal 5, é comédia, tiozão!
Monna Monstra, murderess, Bixa Papão!
(MONNA BRUTAL, 2018a)

O discurso hegemônico cisheteronormativo impõe tipos de conduta, de comportamentos e subjetividades que enquadram sujeitos nas normas preestabelecidas para o controle dos corpos na sociedade. Os discursos políticos, pessoais e poéticos das bixas-pretas rompem com o padrão discursivo higiênico (hegemônico), partindo desde dentro às elaborações artísticas de existências possíveis, que reconectam a humanidade e a autenticidade a corpos que caíram no vazio material e espiritual devido às opressões cisheteropatriarcais.

197

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A corporeidade das bixas-pretas revela-se enquanto uma verdadeira forma “de vida que transitam do profano ao divino, do performático ao virtual, do telúrico ao metafísico, do resistente ao existente, do conhecimento à ontologia, do corpo à mente, da palavra ao gesto, do fragmento à totalidade; do gênero ao transgênero.” (TAVARES, 2020, p. 21), principalmente em relação com as artes.

Justamente por não obedecermos a um padrão corporal, sexual e de gênero, que compreendemos o sentido político da preta-bixisse como um espaço aberto à (trans)formações político-epistemológicas desde as corporeidades TLGB+ negras, comprometidas/os com o viver ético-bio-político-estético responsáveis pela libertação do povo negro e TLGB+.

Entendemos que a construção da “bicha”, que deu origem à bixa, assim como a do diabo, são fenômenos fundamentalmente discursivos. Estão interligados na nossa socialidade, corporeidade e individualidade (SANTOS, 1996), portanto, na nossa cidadania. Apontar o diabo em forma de gente na figura de uma bixa-preta, é estar

TAVARES & OLIVEIRA, *De deslugarizada à endiabrada: discursos pessoais, políticos e poéticos acerca da preta-bixisse*

Doi: 10.51308/continentes.v1i21.349

caminhando em um terreno discursivo instável, porque a bixa se relaciona dialeticamente com o inferno para aparecer e existir.

É sobrevivendo ao (inferno) aniquilamento espiritual e material, percebendo-se, reconhecendo-se e, sobretudo, amando-se enquanto corpo-bixa-preta; compreendendo a deslugarização como um projeto colonial em curso e acreditando na nossa humanidade, que somos capazes de produzir discursos de resistência a partir das nossas dimensões próprias de autenticidade. Que sejamos as diabas, bixas-papão e corpos sem juízo, mas juntas e vivas, para acabar com o sossego de quem “achou que as bixas não ia chegar”, porque “o trono que cês ocupa, nois veio pra hackear” (MONNA BRUTAL, 2018b).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BERNARDINO-COSTA, Joaze. **A prece de Frantz Fanon: Oh, meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona!** Civitas-Revista de Ciências Sociais, v. 16, n. 3, p. 504-521, 2016.

DE CASTRO, Yeda Pessoa. **Das línguas africanas ao português brasileiro.** Afro-Asia, n. 14, p. 81- 106, 1983.

FANON, Franz. **Pele negra, máscaras brancas.** Salvador: EDUFBA, 2008.

GUIMARÃES, Geny Ferreira. **O conceito de lugar no processo-projeto patrimonial negro-brasileiro.** In. RATTIS, Alex; COSTA, Carmen Lucia; COSTA, Kênia Gonçalves; AGUIAR, Vinicius Gomes de. (Org.). *Gênero e diversidade na escola: espaço e diferença: abordagens geográficas da diferenciação étnica, racial e de gênero.* E-book. Goiânia: Gráfica UFG, p. 99-113, 2018. Disponível em: < <https://publica.ciar.ufg.br/ebooks/genero-e-diversidade-na-escola/conteudo/parte3/01.html> >

TAVARES & OLIVEIRA, *De deslugarizada à endiabrada: discursos pessoais, políticos e poéticos acerca da preta-bixisse*

Doi: 10.51308/continentes.v1i21.349

GUIMARÃES, Geny Ferreira. **Rio Negro de Janeiro: olhares geográficos de heranças negras e o racismo no processo-projeto patrimonial**. 2015. Tese de Doutorado. Tese de Doutorado apresentada à Universidade Federal da Bahia–UFBA, Salvador.

JUP DO BAIRRO. **Corpo Sem Juízo**. In: Jup do Bairro. **Corpo Sem Juízo**. [S.l.]: Spotify, 2019. Single. 1 música. (07min21s)

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2019a.

KILOMBA, Grada. **Roda de conversa Grada Kilomba e Djamila Ribeiro**. 2019b. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=ovSKrDLs9Ro> > acesso em 05 de abril de 2021.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo. n-1 edições. 2018

MONNA BRUTAL. **Bixa Papão (Putos Não Fodem)**. In: Monna Brutal. 9/11. [S.l.]: Spotify/ybmusic, 2018a. Álbum. 9 músicas. Faixa 9. (3min36s.)

MONNA BRUTAL. **Vômito**. In: Monna Brutal. 9/11. [S.l.]: Spotify/ybmusic, 2018b. Álbum. 9 músicas. Faixa 5. (4min07s)

OLIVEIRA, Anita Loureiro. **Geografias corporificadas. Outras narrativas da vida na metrópole**. In: OLIVEIRA, Anita Loureiro de; SILVA, Catia Antonia da. **Metrópole e Crise Societária**. Rio de Janeiro. Consequência. 2019.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **O diabo em forma de gente:(r) existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação**. 2017. 192f. 2017. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, UFPR, Curitiba.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **Seguindo os passos “delicados” de gays afeminados, viados e bichas pretas no Brasil**. In: CAETANO, Marcio; SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço. **De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil**. Rio de Janeiro. Lamparina, 2018.

TAVARES & OLIVEIRA, *De deslugarizada à endiabrada: discursos pessoais, políticos e poéticos acerca da preta-bixisse*

Doi: 10.51308/continentes.v1i21.349

PEREIRA, Wilson Guilherme; SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da; TEIXEIRA, Tarciso Manfrenatti de Souza; CAETANO, Marcio. **Bichas pretas: pegações, afetos e sociabilidade nas periferias do Rio de Janeiro e Porto Velho**. Sul-Sul-Revista de Ciências Humanas e Sociais, v. 1, n. 02, p. 39-56, 2020.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia cidadã: por uma epistemologia da existência**. Boletim Gaúcho de Geografia, v. 21, n. 1, 1996.

STREVA, Juliana Moreira. **Corp(o)ralidade Fanoniana: Legado Colonial & Insurgências Anti-racistas**. In. TAVARES, Julio Cesar de. Gramáticas das Corporeidades Afrodiaspóricas: Perspectivas Etnográficas. Curitiba. Editora Appris, 2020.

TAVARES, André Luiz Bezerra. **O capeta da favela: confrontos e corpografias de resistência das bixas pretas na região metropolitana do Rio de Janeiro**. 2020. Monografia apresentada à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, Nova Iguaçu.

TAVARES, Julio Cesar de. **Gramáticas das Corporeidades Afrodiaspóricas: Perspectivas Etnográficas**. Curitiba. Editora Appris, 2020.

URIAS. **Diaba**. In: URIAS. Diaba. [S.l.]: Spotify, 2019. Single. 1 música. (2min 46s).

Data de Submissão: 16/04/2021

Data da Avaliação: 17/11/2021

TAVARES & OLIVEIRA, *De deslugarizada à endiabrada: discursos pessoais, políticos e poéticos acerca da preta-bixisse*

Doi: 10.51308/continentes.v1i21.349